



1087 - 2013

CONCURSO LITERÁRIO ARTE, PROSA & VERSO ABRAMES 2013

RESULTADO FINAL
CATEGORIAS ACADÊMICA E ESPECIAL
ALDRAVIA, CRÔNICA, CONTO, ENSAIO, POESIA, TROVA

Coordenação

Ac. Juçara R. V. Valverde, presidente

Ac. Em. Antonio de O. Gutman, vice-presidente

www.abrames.com.br - abrames.br@gmail.com

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES-1987/ 2013

CONCURSO LITERÁRIO ARTE, PROSA & VERSO ABRAMES 2013

RESULTADO FINAL: ALDRAVIA, CONTO, CRÔNICA, ENSAIO, POESIA, TROVA.

Coordenação: Ac. Juçara R. V. Valverde e Ac. Em. Antonio de Oliveira Gutman.

ALDRAVIA - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º lugar Aldravia - Ac. Marcia Etelli Coelho.
- 2º Lugar Aldravia - Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins.
- 3º Lugar Aldravia - Ac. Nelson Jacintho - Vida.

CONTO - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º Lugar Conto - Ac. Em. Hugo Miyahira - O Homofóbico.
- 2º Lugar Conto - Ac. Cid José Carvalho Magioli - A Doença do Caveirinha.
- 3º Lugar Conto - Ac. Em. Coracy Teixeira Bessa - Na beira do cais.

CRÔNICA - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º Lugar Crônica - Ac. Nelson Jacintho - O sol no Rio de Janeiro.
- 2º Lugar Crônica - Ac. Tito de Abreu Fialho - Sobre Bondes.
- 3º Lugar Crônica - Ac. Hélio Begliomini - Alma Branca.

ENSAIO - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º Lugar Ensaio - Ac. Hélio Begliomini - Centenário de nascimento do poeta apaixonado.
- 2º Lugar Ensaio - Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins - Euclides da Cunha.
- 3º Lugar Ensaio - Ac. Nelson Jacintho - A História da Medicina.

POESIA - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º Lugar Poesia - Ac. Marcia Etelli Coelho - Nas curvas do tempo.
- 2º Lugar Poesia - Ac. Nelson Jacintho - Vem comigo saudade...
- 3º Lugar Poesia - Ac. Em. Pedro D. Franco - De Rolls Royce Dourado.

TROVA - CATEGORIA ACADÊMICA

- 1º Lugar Trova - Acadêmica - Ac. Em. **Abílio Kac.**
- 2º Lugar Trova - Acadêmica - **Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins.**
- 3º Lugar Trova - Acadêmica - **Ac. Nelson Jacintho.**

XXXXXXXXXXXXX XXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXX

ALDRAVIA - CATEGORIA ESPECIAL

- 1º Lugar Aldravia - Luiz Gilberto de Barros/ Luiz Poeta.
- 2º Lugar Aldravia - Mario Moreyra.
- 3º Lugar Aldravia - Marilza T. N. de Abreu Fialho.

CONTO - CATEGORIA ESPECIAL

- 1º Lugar Conto - Amélia Luz - Estranhas Terapias de Minas.
- 2º Lugar Conto - Vicente Alencar - A Lua é Virgem.
- 3º Lugar Conto - Mario Moreyra - O Lume Vivo

CRÔNICA CATEGORIA ESPECIAL

- 1 Lugar Crônica- Amélia Luz - Biloca.
- 2 Lugar Crônica - Cláudia Valeria de Sales Paula - Da minha cadeira na varanda.
- 3 Lugar Crônica - Lydia Simonato - Triângulo doloroso.

POESIA - CATEGORIA ESPECIAL

- 1ª Lugar Poesia - Celi Luz - Pulsação.
- 2º Lugar Poesia - Luiz Gilberto de Barros/ Luiz Poeta - No Relógio que parou.
- 3º Lugar Poesia - Aportes - Marcos Gimenes Salun.

TROVA - CATEGORIA ESPECIAL

- 1º Lugar Trova - Mario Moreyra.
- 2º Lugar Trova - Luiz Alberto de Barros/ Luiz Poeta.
- 3º Lugar Trova - Maria T. N. de Abreu Fialho

AGRADECEMOS AOS JUÍZES DO CONCURSO ABRAMES 2013: Andreia Donadon, Edir Meirelles, Fábio C. Morínigo, Heloisa Igreja, Marcia Barroca, Marcus V. Quiroga, Messody Benoliel.

Coordenadores Concurso ABRAMES 2013: Ac. Juçara Valverde e Ac. Em. Antonio Gutman. Rio de Janeiro, 07/11/ 2013.

CATEGORIA ACADÊMICA ALDRAVIA

1º Lugar Aldravia - Ac. Marcia Etelli Coelho

2º Lugar Aldravia - Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins

3º Lugar Aldravia - Vida – Ac. Nelson Jacintho - Ac.

CATEGORIA ACADÊMICA ALDRAVIA

1º lugar ALDRAVIA - Ac. Marcia Etelli Coelho

**Segredos
no
sótão
assombram
a
solidão.**

2º Lugar ALDRAVIA - Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins

**Nos
degraus
da
eternidade
deposito
saudades**

3º Lugar ALDRAVIA - VIDA - Ac. Nelson Jacintho

**Nascer
Chorar
Sorrir
Envelhecer
Partir**

CATEGORIA ESPECIAL ALDRAVIA

1º Lugar Aldravia - Vampiro - Luiz Gilberto de Barros / Luiz Poeta

2º Lugar Aldravia - Mario Moreyra

3º Lugar Aldravia - Marilza Teresinha Nogueira de Abreu Fialho

CATEGORIA ESPECIAL ALDRAVIA

1º Lugar ALDRAVIA - VAMPIRO - Luiz Gilberto de Barros / Luiz Poeta

vampiro

bêbado:

a

vítima

era

alcoólatra

2º Lugar ALDRAVIA - Mario Moreyra

existe

uma

saudade

em

meu

silêncio

3º Lugar ALDRAVIA - Marilza Teresinha Nogueira de Abreu Fialho

raiz

folha

flor

fruto

vida

evolutiva

CATEGORIA ACADÊMICA - CONTO

1º Lugar ACADÊMICA - CONTO - Ac. Em. Hugo Miyahira - O Homofóbico.

2º Lugar ACADÊMICA - CONTO - Ac. Cid José Carvalho Magioli - A Doença do Caveirinha.

3º Lugar ACADÊMICA - CONTO - Ac. Em. Coracy Teixeira Bessa - Na beira do cais.

Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

CATEGORIA ACADÊMICA - CONTO

1º Lugar ACADÊMICA CONTO - Ac. Em. Hugo Miyahira - O Homofóbico.

O HOMOFÓBICO

Ac. Em. Hugo Miyahira

Ele nasceu em Miranda do Corvo, distrito de Coimbra, Portugal, de onde partiu aos 5 anos de idade para aportar em águas brasileiras. Rio de Janeiro.

Das peladas da infância em um subúrbio carioca, às praias da Zona Sul e Escolas de Samba da Baixada Fluminense foi um passo que contribuiu para a eclética formação espiritual deste português acariocado. Apesar do esforço de seus pais na conservadora educação lusitano, incorporou-se de corpo e alma à ideologia pregada por Ney Matogrosso: Não existe pecado abaixo da linha do Equador. Isto lhe valeu muita farrá, muita alegria e, infelizmente, uma uretrite e inflamação dos testículos que o fizeram sofrer em sua adolescência. .

De temperamento alegre, apreciava e se esbaldava no carnaval desfilando em Escolas de Samba de Nilópolis e Nova Iguaçu.

“-Há tempo para se semear e se colher, assim como há tempo para brincar e se estudar-----pontificava seu pai na infância, condicionando-o a cumprir com suas obrigações estudantis apesar da “vida alegre” que levava. Desta forma aprendera amar os livros.

Com tenacidade, muito estudo, superando dificuldades, viu coroado seus esforços: diplomou-se em medicina por uma Universidade Pública e se especializou em Ginecologia.

Afável, de sorriso fácil, o Dr. Manuel, ginecologista habilidoso era resolutivo e capaz de enfrentar as dificuldades do Hospital em que trabalhava com galhardia,. Supria as deficiências no centro-cirúrgico com inventividade e improvisação, vencendo obstáculos com tranquilidade e segurança, tendo por tal razão conquistado a admiração e respeito de seus pares.

Com merecimento, nesta terra estrangeira, o médico português tornou-se Chefe do Serviço de Ginecologia daquele importante Hospital do SUS.

Sob o efeito de algumas brahmas batucava com cadência a mesa do boteco do Itamar, abrindo os pulmões para entoar as marchas e sambas-enredos da Mangueira, Portela, União da Ilha. Enquanto sorvia a cerveja deliciava-se com o famoso “leitão a pururuca” preparado pelo Dr. Jorge, seu colega, excelente “chefe” nas horas vagas em que não estava entretido com operações ginecológicas.

De família solidamente constituída, amado pelos filhos, o médico português bonachão, de tantas qualidades, só tinha um defeito: era visceralmente homofóbico.

Detestava gays, bichas, viados, sapatões, sandalhinhas, travestis, transexuais e “bi sexuais que qual barca da Cantareira, atracava pelos dois lados, por frente e por trás”.

Considerava-os “anormais, debochados, agressivos, portadores de patologia psiquiátrica. A Organização Mundial da Saúde (OMS) havia errado ao,em 1976, suprimir estes pervertidos da relação de doenças psiquiátricas a merecerem tratamento médico.”

Seu colega Jean, de tantos anos, entre irônico e sério, dizia-lhe que havia uma interpretação para tal sentimento tão marcadamente arraigado:

- Talvez “lá dentro” você, Manuel, fosse um amante do mesmo sexo, um homossexual enrustido, preso no armário conservador da tradicional família portuguesa. Será que não teria tido na sua infância uma experiência gratificante que se recusou admitir? Que seu superego lusitano, conservador o impediu de repetir e assumir, tendo-o “recalcado”

Riam e o Dr. Manuel afirmava:

- Meu caro Jean. Esta sua despuorada tolerância com estes “caras” é suspeita. O meu lado feminino do caráter é lésbico! Só gosto de mulher!

Sexta feira foi um dia especial. Ao meio dia, o Dr. Manuel encerrou sua atividade profissional e iniciou com amigos o seu pagode no bar do Itamar.

Naquele dia o ginecologista estava particularmente inspirado. Era seu aniversário e os residentes compareceram em peso para homenageá-lo e degustarem do comentado “leitão a pururuca”. Talagadas e mais talagadas de cerveja e “tome” de Império Serrano, Mangueira, União da Ilha, Vila Isabel. Muito batuque e ate passos e evoluções do samba.

As 16h00, “tocado”, o festejado Dr. Manuel resolveu “tomar o rumo de casa”. Despediu-se da turma e em seu Ford Fiesta se dirigiu à Barra, onde morava.

No caminho, ao entrar no aterro do Flamengo, com a visão algo turva e reflexos entorpecidos perdeu a direção. Seu carro saiu da pista, subiu por um gramado elevado e, apesar de pouca velocidade capotou.

- Meu Deus, -- entreabrindo os olhos o Dr. Manuel exclamou: - O que aconteceu?

Tudo se passara brusca e subitamente. Estava de cabeça pra baixo com o teto do carro no chão, atordoado. Instintivamente, reflexamente, ultra desperto, esgueirou-se com cuidado pela janela estilhaçada com cuidado de não se ferir. Com algum alívio viu-se fora do veículo, foi quando se deu conta de uma figura a sua frente: olhos com sombras azuis, sobrancelhas finamente delineadas, lábios carnudos rubros, de um batom gritante e a voz em falsete que dizia:

- Paaaga meu programa! Paaaga meu programa...!

-Um travesti afro descendente, uma bicha afetada. Só me faltava essa! ----- pensou o Dr. Manuel, recobrando-se instantaneamente de seu eflúvio etílico. Sua cabeça martelou, mas a percepção do que ocorrera e poderia acontecer, como por encanto, assomou-lhe a consciência.

Foi quando um homem fardado guarda policial surgiu perguntando-lhe:

- O senhor esta bem?

- Paga meu programa. “”””””Seu” guarda, eu estava fazendo sexo oral, quando ele perdeu a direção e capotou. Quero que ele pague o prograama.! - dizia o travesti aos berros

- Seu guarda: É mentira! Eu não estava com esse sujeito aí. Eu estava sozinho. Não o conheço. Nem sei de onde ele surgiu! – Disse o Dr. Manuel.

- Paga meu programa! Você me de deeeeeeve.!

- Este cara está louco. Eu não gosto dessas coisas. Sou médico, casado e com filhos, ele mente, -----
----retrucou Dr. Manuel.

- Doutor, terei que lavrar a ocorrência. E isto, o “programa” terá que constar. Como o senhor e casado, e melhor acertar com esse cara que assim não farei constar meu relatório.----

- Obrigado. Aqui esta -, disse o Dr. Manuel, abrindo sua carteira e tirando uma nota de R\$20,00.

O travesti afro descendente aproximou-se e, num gesto brusco arrematou das mãos do Dr. Manuel, sua carteira, deixando-o impávido com uma nota de vinte reais em sua mão direita.

Correu com a velocidade de uma lebre jovem e saudável. Certamente feliz com o botim obtido: seiscentos e quarenta reais. Jogou a carteira que felizmente não portava documentos.

O experiente médico foi conduzido a delegacia do Catete onde prestou esclarecimentos e cerca de cinqüenta minutos após recebeu Rosária sua calejada esposa portuguesa.

Porque calejada? Porque suportara algumas suspeitas de infidelidades do seu amado Manuel e conhecia a ojeriza do mesmo por homossexuais. Seu marido era decididamente homofóbico e o seu relato era absolutamente verossímil. Acreditava no que lhe contara.

Dr. Manuel a despeito de ter se sentido “passado pra trás” pelo traveco oportunista, justo em seu julgamento, considerou-o inteligente, em sua estratégia e na aplicação do golpe.

Matutou: - Esses caras sobrevivem porque sabem se comportar com inteligência no momento adequado. ---- e como dizia o falecido senador Darci Ribeiro, ---- “- E preciso ser macho pra se fazer e agüentar o que esses caras fazem e agüentam na cama”.

O Dr. Manuel ponderou:

-São inteligentes, com capacidade de improvisação e muito machos. Merecem respeito.

Foi assim que o Dr. Manuel “curou-se” de sua homofobia e passou a respeitar o grupo de gays, lésbicas e afins, convidando-os, inclusive , para participarem do seu pagode com leitão à pururuca no boteco do Itamar e Rogeria, transexual assumido, agora encena passos de porta-bandeira com o Dr. Manuel que, sob “eflúvio das Brahmas “Zeca Pagodinho”, faz evoluções como mestre de sala, ao som da bateria da Saúde, tradicional bairro do Rio de Janeiro para alegria de todos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A DOENÇA DO CAVEIRINHA (INFANTO-JUVENIL)

Ac. Cid José Carvalho Magioli

- Pedrinho, Pedrinho, o Caveirinha está doente!

-O quê? O Caveirinha, o nosso melhor goleiro? O quê foi que aconteceu com aquele magricelo, Cacareco?

-Eu acho que é uma doença grave. Ele está fraco e emagreceu mais ainda. Está bebendo água pra caramba. Parece um camelo.

-Mas Cacareco, como foi que o Caveirinha pegou essa doença?

-Sei lá Pedrinho, minha mãe falou que pode ter sido alguma coisa que ele comeu...

-E agora, o quê será do nosso time no campeonato, sem o Caveirinha?

-Vamos ter que arrumar outro goleiro, ninguém quer ir para o gol. O Caveirinha é o melhor goleiro da comunidade do Alemão e não tem medo de chute forte apesar de ser magrinho. É o nosso poeta! Nunca vi ninguém gostar de ler e escrever assim...

-Cacareco, vamos fazer uma visitinha ao amigo Caveirinha?

-Minha mãe falou que a dona Rosa vai levá-lo ao Postinho de Saúde amanhã, então vamos esperá-lo lá?

-Vamos sim Cacareco, até amanhã!

-Até amanhã, Pedrinho.

No outro dia, em frente ao Posto de Saúde daquela comunidade, enquanto esperava para ser atendido, o goleiro e poeta Caveirinha, de 9 anos de idade, se surpreendeu com a presença inesperada de seus dois fiéis amigos.

-E aí galera, o quê vocês estão fazendo aqui?

-Viemos ver como o nosso goleiro e poeta está passando – respondeu Cacareco.

-Não estou bem não. Estou muito fraco. Pareço uma folha que baila ao vento...

-Bonito Caveirinha, este é poeta mesmo. Mas quando começou isso, Caveirinha?

-Foi há três semanas, Cacareco. Comecei a me sentir mal, dor nas pernas, minha pele ficou fria. Uma vontade de dormir. Não comia nada, só queria beber água, parecia que queria afogar-me e viver submerso em minha solidão...

-Pô Caveirinha, arreventou meu amigo, pelo visto você está doente mas continua falando bonito, mas tem hora que eu não entendo nada...

-Falem baixo meninos, vocês estão num Posto Médico e não em um campo de futebol ou na sala de aula. Não atrapalhem a consulta do médico! O Caveirinha será o próximo a ser atendido.

O médico do Posto de Saúde, conhecido como doutor José Carvalho, era muito querido na comunidade. Viera criança do sertão de Goiás. Era um sertanejo dedicado que largara sua cidade no interior para morar com sua tia, cuidar de sua saúde e continuar seus estudos numa grande metrópole. Atendera Caveirinha na semana passada e avaliaria os exames naquele momento, para confirmar o seu diagnóstico.

Cacareco e Pedrinho não arredavam seus pés do corredor e, disfarçadamente, postaram-se atrás da porta para ouvir toda a conversa.

-Como está passando o meu paciente? Perguntou o doutor ao Caveirinha.

-Não estou muito bem não doutor. Estou como os galhos de uma palmeira, até o vento me enverga, e se eu der boqueira, o vento me carrega....

-Está certo meu amigo, estou vendo que você é bem humorado, e que gosta de versos. Isto è muito bom, Alcidiclei!

- Pode me chamar de Caveirinha doutor. Alcidiclei é um horror!

- Está certo. A senhora é a mãe do Caveirinha, não é mesmo?

-Sou sim doutor, chamo-me Rosa Maria. Na outra consulta, quem trouxe o Caveirinha foi o pai dele. Eu estava fazendo uma faxina. Sabe que as coisas estão difíceis e a gente tem que se virar para ajudar em casa também!

-É verdade dona Rosa Maria, eu entendo muito bem disto.

Enquanto isso, Cacareco e Pedrinho estavam cada vez mais grudados na porta do consultório, curiosos com o desfecho da consulta.

Após examiná-lo, o médico concluiu:

- O quadro clínico não se alterou. Deixe-me analisar os exames laboratoriais. A senhora trouxe os exames?

-Estão aqui doutor José.

O doutor começou a analisar meticulosamente os exames e falou calmamente:

-Dona Rosa Maria, já sei qual a doença que o Caveirinha tem!

-Diga logo doutor é muito grave?

-De um modo geral, é sim dona Rosa Maria, mas se for tratada com a devida atenção, o Caveirinha terá uma vida totalmente normal.

-Mas a doença do meu filho tem cura, doutor?

-Não, infelizmente não tem cura. Os exames revelaram uma importante hiperglicemia, ou seja, o açúcar está muito alto. O Caveirinha é portador de diabetes do tipo I

-Que isso doutor, meu filho está com esta doença de velho, diabetes?

-É isso mesmo dona Rosa Maria, mas não é somente doença de velho não. O Caveirinha adquiriu uma doença que se caracteriza por uma deficiência na função de um órgão chamado pâncreas, produtor de um hormônio chamado insulina. O Caveirinha apresentou sintomas característicos da doença: fraqueza, apatia, desânimo, emagrecimento e sede exagerada.

-Mas doutor, o Caveirinha terá que tomar remédio para o resto da vida?

-Sim minha senhora, o Caveirinha tomará insulina.

-Doutor José, eu vou ter que tomar injeção todo dia? Que agonia. Tô lascado! Melhor dizer: Tô ferrado!

-Sim poeta Caveirinha.A insulina é administrada por via subcutânea, ou seja: por baixo da pele. É uma espécie de injeção, mas dói muito menos do que uma injeção comum. Você mesmo vai aprender a usar. Tenha a certeza, você vai tirar isso de letra.

- Injeção que não dói, minha popança nunca viu. Se a injeção doer, eu mando a enfermeira para...longe do Brasil...

- Ainda bem que a rima foi essa Caveirinha...

- Descupe doutor, é que o Caveirinha adora mesmo ficar fazendo versinho... Mas doutor José, o Caveirinha poderá ter mesmo uma vida normal?

-Claro, o Caveirinha terá uma vida totalmente normal, porém, algumas orientações deverão ser seguidas pelo resto da vida.

-Como assim, doutor?

-Começando pela alimentação: não pode ingerir refrigerantes, balas, doces, bombons...

-Tô ferrado mesmo! Nada para adoçar minha boca e meu coração. Nem mesmo um sacolé de limão?

-Não Caveirinha, vou mandá-lo para nutricionista, pois você não poderá ficar muito tempo sem se alimentar – complementou o médico.

-Já disto eu gostei...- falou Caveirinha.

-Sim Caveirinha, mas você deverá comer em um espaço de tempo menor, porém em menor quantidade...

-Doutor José, a diabetes é tão terrível assim?

-Infelizmente sim, dona Rosa Maria. Se não tratada com seriedade pode causar danos irreversíveis ao indivíduo. As complicações da diabetes são gravíssimas: problemas vasculares, ou seja, de circulação; comprometimento visual como a retinopatia diabética, que pode chegar a cegueira; nefropatias, ou melhor explicando, problemas nos rins e muitas outras coisas mais.

-Por isso que o seu Gonzaguinha, do mercadinho da esquina, perdeu a perna...

-Justamente dona Rosa Maria, o seu Gonzaguinha também era diabético, porém nunca ligou para a doença. Tinha um grande agravante que era o tabagismo. Também usava com frequência derivados alcoólicos, quer dizer, bebia muito também. Vivia dizendo que já era velho e que controlava a doença com os chás. Não se cuidou e teve as complicações que eu já mencionei para a senhora.

-Doutor José, o Caveirinha não terá essas complicações, não é doutor?

-Lógico que não minha amiga, mas para isso deverá seguir todas as orientações do serviço especializado e fazer o acompanhamento periódico neste Posto de Saúde.

-Doutor, eu posso jogar bola?

-Claro Caveirinha, você vai levar uma vida totalmente normal, somente obedecendo e seguindo algumas instruções.

-Doutor José, e os estudos? Caveirinha é um bom aluno, e meu sonho é vê-lo formado, quem sabe assim, um doutor como o senhor...

-Sem problema nenhum, a diabetes não prejudicará os estudos do Caveirinha.

-Doutor, eu quero ser médico assim como o senhor e também poeta. Quero tratar de um monte de crianças e fazer um montão de poesias. Mas doutor, eu posso jogar bola, posso jogar futebol?

-Lógico que pode praticar esporte, aliás, as atividades físicas, são bem recomendadas para os pacientes portadores de diabetes...

Nesse momento, Cacareco e Pedrinho que a tudo ouviam, desequilibraram-se e caíram dentro do consultório médico. Apesar da ira de dona Rosa, abraçaram o Caveirinha por saberem que o seu amigo estava sendo bem cuidado e o time poderia contar com o seu melhor jogador, o goleiro e poeta Caveirinha.

Algumas lágrimas acanhadas brotaram nos olhos do doutor José Carvalho. Talvez pela lembrança da infância humilde e da diabetes que também adquiriu quando era criança.

O médico tinha experiência como profissional e como paciente. Suas lágrimas sertanejas eram de agradecimento ao Criador por ter superado a diabetes, se formado em médico, e, naquele momento, poder ajudar outros Caveirinhas diabéticos também...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

NA BEIRA DO CAIS

Ac. Em. Coracy Teixeira Bessa

Logo cedinho, ela se dirigia à beira do cais. Havia sempre alguém que lá chegava antes dela. A disputa pelo pescado que os barcos traziam, rompendo ondas e madrugada, era sempre acirrada. Desde criança frequentava o cais, agarrada à barra da saia de sua mãe. Procurava adivinhar se a primeira embarcação a aportar seria a do seu pai. Geralmente era.

Os barcos vinham como se apostassem corrida, cavalgando as cristas espumantes das ondas traiçoeiras. O cheiro de peixe e sal era o aroma intenso que se desprendia do corpo forte do seu pai. Tomando-a nos braços, ele a colocava sobre os ombros, enlaçava sua mulher pela cintura e arrastava o munzúá com os peixes pelas areias, até a porta de casa.

Entre a casa e o cais transcorreu sua infância. A pescaria de anzol atirado de sobre o arrecife, vibrando quando um peixinho abocanhava a isca, era a sua atividade diária, sob o sol escaldante das manhãs de verão. A adolescência adestrou-a na lida de limpar os peixes, esvaziar-lhes a barriga atirando as vísceras na beira mar e acompanhar a disputa aguerrida das gaivotas pelo petisco. Depois, caminhar até o mercado equilibrando na cabeça o balaio com os peixes livres de escamas e tripas, para vendê-los pelo melhor preço. A juventude acrescentou-lhe as tarefas de cuidar da mãe (que enlouquecera quando o seu pai perdeu-se no mar, jamais retornando) e prover as necessidades de subsistência.

Escola? Jamais! Não havia nenhuma na aldeia. Emprego? Tampouco! Como adquirir qualificação? Seu labor era o que sempre ocupara as mulheres daquela terra: ajudando, complementando o trabalho dos homens ou assumindo as suas tarefas. Não encontrara nem a alegria de amar alguém! E os anos passando, as forças diminuindo enquanto aumentavam as tristezas e as decepções. Em poucos anos viu-se totalmente sozinha.

Quando anunciaram que uma empresa pesqueira iria instalar-se no povoado, as esperanças dos pescadores e de suas famílias aumentaram: haveria assistência médica, escola e cursos profissionalizantes, afirmavam. Era época de eleições. A mulher se deslumbrou com a possibilidade, principalmente porque se apaixonou pelo candidato de fala empolada, discurso bombástico e apetite voraz que se apresentava como o representante da tal empresa.

Embora experiências anteriores os alertassem, ninguém queria abrir mão do sonho de progresso. E todos embarcaram na carruagem mágica da utopia: votaram no tal candidato. E ficaram aguardando a instalação da empresa. Quando nasceu o “voto nulo” deixado pelo candidato arrivista, a mulher retomou o seu trabalho na beira do cais, com o bebê chorão pendurado às costas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL CONTO

1º Lugar ESPECIAL CONTO - Amélia Luz - Estranhas Terapias de Minas.

2º Lugar ESPECIAL CONTO - Vicente Alencar - A Lua é Virgem.

3º Lugar ESPECIAL CONTO - Mario Moreyra - O Lume Vivo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ESTRANHAS TERAPIAS DE MINAS

Amélia Luz

Verdadeiramente aquele “doutor” do passado sumiu asfixiado pelo modernismo, para o bem da criança... Sofria de asma aguda, com o tratamento tomava mel, poejo, alfavaca, Bromil, rezas e simpatias. Faziam comigo o terrível sinapismo (emplastro de angu quente) no peito e desse jeito quase cozinhavam o meu coração. Achavam a solução à custa de qualquer sacrifício sem viajar na contramão!... Nada de filas intermináveis em hospitais, não havia tempo e nem hospitais ou postos de saúde. Era somente uma pequena farmácia do “farmacêutico” prático e as doenças banais eram bem tratadas em casa com repouso (cama por vários dias) e boa alimentação.

Tomávamos suadores para baixar a febre e as poções mágicas (homeopáticas) dos competentes farmacêuticos. Além dos remédios da horta receitavam coisas tão simples, auscultavam cuidadosamente (tínhamos que repetir o conhecido “trinta e três”) e escutavam as mágoas dos pacientes, mas nos olhavam compadecidos com amor e dedicação compreendendo todas as nossas dificuldades... Isso bastava!

Íamos à benzedeira, figura marcante na zona rural: “ah, é quebrante e mau oiado”, (resmas da África e da escravidão)! E a preta velha rezava com fé: “santa sufia tinha tres fia uma que lavava uma que cuzia, ôtra que no fogo ardia. Sai mau oiado, sai ispinhela caída, dexa a arma dessa minina em paiz”, trechos das rezas que cheguei a decorar de tanta benzedura. O ramo verde de arruda com o qual ela rezava murchava na sua mão negra e tudo se comprovava: era a inveja mesmo e forte mau olhado! Fazia um “patua”, amarrava com linha grossa no meu pescoço e com ele eu me sentia curada e protegida! Podia tomar chuva, pisar na lama sem correr o risco de ter outra febre.

Nada de diagnóstico por imagem ou Planos de Saúde caros e sofisticados. Tudo era resolvido sem muitas complicações. Tomávamos garrafadas feitas pela minha madrinha num velho tacho de cobre contra amarelão e também contra a tal verminose. Para diarreia era chá de broto de goiabeira. Para tosse chá da casca da cebola roxa e álcool em um lenço amarrado na garganta. Se ficassemos rebeldes ou malcriados ou déssemos trabalho no lidar com os adultos nem conheciam psicólogos. Bom mesmo era o castigo de joelhos nos caroços de milho, uma boa surra e na escola a palmatória que aterrorizava qualquer criança. De acordo com a travessura a professora aplicava o “bolo” na palma da mão que inchava ardendo em forte dor. Não causava traumas nem conflitos.

Pela manhã bem cedo levantávamos todos, ao canto do primeiro galo. Íamos para a cozinha todas as netas e netos em grupo. Minha avó dosava o “medicamento” e dava de boca em boca do primeiro ao último neto e os agregados que moravam na casa grande. Usavam o purgante de erva de santamaría para curar as lombrigas. O purgante era tomado em jejum, na fazenda da minha avó com a chave enorme da porta da sala na mão, “simpatia” para prender o vômito. A chave ia de mão em mão e o cheiro era terrível!

Tínhamos que esperar por muitas horas para nos alimentar. Enquanto o purgante não fizesse “efeito”, isto é, enquanto não evacuássemos não poderíamos nos alimentar porque com o alimento ingerido as lombrigas não teriam como morrer para serem expelidas. Sob severa vigilância ficávamos à espera de uma distração. Às escondidas furávamos os deliciosos queijos de minas que meu avô tão bem preparava

e cortávamos a rapadura com o facão para matar a fome que era negra. A despensa era testemunha das nossas muitas travessuras.

Esses casos de infância nunca serão esquecidos. Foi assim que cresci forte como o sou até hoje! Os recursos eram poucos e... Com sabedoria "Deus nos dava o frio conforme o cobertor"!

XX

A LUA É VIRGEM

Vicente Alencar

Já dizia meu bisavô que se não fossem os bestas não existiam os sabidos. Afirmção correta, insofismável, para este ano de 2012, último trimestre. A propaganda e a publicidade, quando exageradas, geram verdadeiros monstros, que são multiplicados, irresponsavelmente, por uma parte do que hoje se chama mídia. Principalmente, através de voluntariosas e importantes redes de TV que, para muita gente se constitui no Deus atual. Se a TV disse: é Deus quem está falando, através da voz do apresentador e da telinha. Muitos absurdos já foram vistos, registrados e confirmados.

Alguns pseudos fatos que apareceram na TV mostraram, tempos depois, que se tratavam de enganos. E, não adianta depois desmentir, pois, a grandeza como o fato – mesmo inoportuno – convence totalmente, a quem viu e ouviu e não se interessa, mesmo, pelo desmentido.

Estou escrevendo assim, observando o artigo do psicanalista Luís Olímpio Ferraz Melo que, por sinal, não conheço pessoalmente, nunca o vi, mas, acompanho seus escritos no DN, aqui de Fortaleza.

Em um artigo objetivo e bem concatenado ele intitulou “A fraude na História”, o seu escrito. E, sem querer nos dar o poder de convencimento, assim o faz. Há alguns anos em 1969, os EUA bradava ao mundo e transmitia através do rádio e da TV, àquela época bem adiantada em seu país, com o apoio dos países ou nações amigas, como queiram, que o homem tinha chegado à Lua.

Exatamente, o dia 20 de julho de 1969. E, pelo menos, 90 por cento dos viventes no Globo acreditaram. Mas, São Tomé existiu e, ainda hoje, é tido e havido como um homem inteligente e que chegou a desconfiar de Jesus Cristo. Mas esta é outra história... embora sirva de ajuda para o que estamos comentando.

O psicanalista-articulista nos faz – leitores – uma indagação inteligente e convincente: por que os EUA nunca mais foram à Lua? Se descobriam as crateras lunares, se fincaram sua bandeira por lá, qual a razão da segunda viagem nunca ter sido feita? E observem, já se passaram, desde aquele 20 de julho de 1969, nada menos que 43 anos.

Pelo andar da carruagem, como aquele país se intitula um dos maiores do mundo ou, o maior de todos, o que fizeram nestes 43 anos e alguns meses? Por certo que os estudos evoluíram, como também, aqueles que informam que o homem chegará a Marte. O fato foi científico? Existem estudos científicos a respeito? Ou tivemos apenas um fato (?) se é que existiu de fato. Na minha ótica a Lua continua virgem. Ninguém colocou os pés sobre o seu território. Não houve nenhum pequeno passo para ser grande na história. A cada dia observa-se, mais e melhor, que tudo não passou de uma produção notável de Hollywood, com suas fotomontagens e suas histórias mirabolantes.

Quem provará, de fato, se o homem pisou na Lua? Fica o mistério. Seria a hora de uma nova expedição ir até lá, enviar fotos coloridas para o mundo de hoje, tão diferente daquele de quatro décadas anteriores. Vamos ao desafio. Vamos esperar que os estadunidenses realizem uma nova excursão. Somente o futuro nos responderá.

Da mesma maneira que o futuro, agora passado, nos respondeu que não existiu o famoso “Diário de Hitler”. Ele foi desmascarado em 1983. Tudo não passou de uma fraude. O “Diário de Hitler”, assim como a chegada do homem à Lua foram notícias “plantadas”, ilusionariamente bem divulgadas.

Sim, a Lua continua virgem!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O "LUME VIVO"

Mario Moreyra

Estava sentado no sofá, lendo Camões, quando veio à minha memória um acontecimento curioso e surpreendente.

Há alguns anos encontrei-me com Douglas sentado no Café Minuano, bebendo uma xícara de chocolate quente com o olhar jogado lá fora.

"Sente, amigo. Estou cansado de tanto pensar, preciso mesmo conversar um pouco".

Sentei-me e Douglas contou-me uma história que mexeu comigo.

Ele conhecera Ana Ivanovna há dois anos e meio numa praça no centro da cidade. Ela carregava uma pasta contra o peito, tinha o rosto muito branco, olhos negros bem abertos, o corpo magro.

Douglas, logo que a conheceu, lembrou-se do verso de Camões: " Vi claramente visto o lume vivo". Ana seria o seu lume vivo. A amizade dos dois cresceu, e com o tempo, apaixonaram-se.

Ana era jornalista, nascida em Moscou, chegara ao Brasil há quase dez anos, viera passear e ficara. Aqui, apaixonou-se por um médico e viveram uma história feliz por três anos. Com o fim do romance, passou a trabalhar como correspondente numa famosa revista.

Douglas contou-me que Ana tinha vivido um grande amor em Moscou com um político, Liev, porém problemas profissionais separaram o casal. Revelou-me ainda que ele e Ana namoraram por um ano e foram bastante felizes.

As coisas começaram a complicar quando, num domingo, Ana telefonou desmarcando um almoço que haviam programado.

Somente na quarta-feira Ana ligou para ele, contando-lhe seu encontro com Liev, que teria vindo participar de um congresso político e ficaria uma semana na cidade. Douglas sentiu na voz da namorada que aquele "lume" poderia se apagar. A teia do ciúme começa a crescer e envolvê-lo.

"No final desta semana senti que perderia Ana - ela já não me telefonara". Douglas soube que os políticos russos já haviam retornado a Moscou.

"É, ela partiu com ele". Essa idéia corroia os pensamentos do meu amigo.

Ele lhe telefonou mais uma vez, ninguém atendeu, decidiu ir até a casa de Ana. Não havia ninguém. Perguntou aos vizinhos, nada. Ana desaparecera. "Teria voltado para Moscou com Liev?"

Transtornado, resolveu abrir a caixa de correspondência de Ana em busca de alguma pista. Lá encontrou um envelope sem selos, aberto, e no seu interior, um pequeno papel escrito em russo. Procurou alguém que pudesse traduzi-lo.

Era de Liev, ele se despedia secamente. Voltaria para Moscou à noite. Lamentava que Ana não tivesse tido tempo para mostrar-lhe a cidade. Não havia datas.

Resolveu procurar a polícia. Um policial entrou no apartamento, só encontrou móveis velhos e muita poeira.

Três meses depois viu uma mulher magra, muito branca, cabelos sujos, desarrumados.

"Era Ana, fingiu não me reconhecer, atravessou a rua e sumiu entre carros, camelôs e becos estranhos".

No dia seguinte Douglas voltou àquela rua que desembocava no Morro do Capim Cerrado. Perguntou para toda gente. Um garoto de doze anos disse: "A russa branquela? É melhor o senhor sair daqui. O

chefão não vai gostar”. E, num tom de confiança, falou baixinho: “É a “mina” do chefe. Tá sempre drogada, discute com ele, leva uns tapas e volta para o barraco. “Vai embora, moço!”.

Douglas nada entendeu. “Que absurdo, não pode ser verdade, será que daquele lume vivo nada restava? ...

Não encontrei mais Douglas e seus problemas.

Alguns meses mais tarde tive notícias dele através de amigos comuns. Contaram-me, também, que aquela moça na favela não era Ana e sim uma ucraniana, de tipo físico muito parecido com o dela, e que morrera de “overdose”.

Douglas passou a viver num mundo de fantasmas. Mulheres claras e magras giravam em sua frente, dançavam e cantavam músicas russas. O devaneio atravessa seus limites. Douglas perambulava pelas ruas. Todas as mulheres de pele clara lembravam Ana.

“Agora estou eternamente correndo atrás do meu lume vivo”.

Contaram-me há algum tempo que Douglas morrera afogado. Atirou-se de uma ponte e desapareceu no mar gelado, provavelmente perseguindo os espectros de mulheres claras que viviam a atormentá-lo.

Fechei o livro, fui até o quarto e convidei Ana para tomarmos uma vodka. Só agora contei-lhe que Douglas havia se suicidado. Ela olhou-me com seu rosto branco e, beijando-me murmurou: “Que pena!”

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ACADÊMICA CRÔNICA

1º Lugar Acadêmica - CRÔNICA - O SOL NO RIO DE JANEIRO – Ac. Nelson Jacintho

2º Lugar Acadêmica - CRÔNICA - SOBRE BONDES - Ac. Em. Tito de Abreu Fialho

3º Lugar Acadêmica - CRÔNICA - ALMA BRANCA - Ac. Hélio Begliomini

XXXXXXXXXXXX

O SOL NO RIO DE JANEIRO

Ac. Nelson Jacintho

O sol no Rio de Janeiro não nasce, emerge! É um menino travesso que aprendeu a surfar, antes de aprender a engatinhar! Ele emerge das águas do oceano e vem surfando sobre as ondas da Baía de Guanabara até chegar à praia e à cidade que recebeu o título de Cidade Maravilhosa! É lourinho! Nem parece brasileiro! Lembra aqueles meninos de filmes da zona rural americana, que tanto vimos em nossa infância! Tinham cabelos amarelos, dezenas de sardas na face e dentes amarelados de tanto comerem produtos do amarelo milho americano!

O sol do Rio, entretanto, não tem sardas! É lindo! Tem a pele lisa e brilhante como um diamante bem lapidado! Não há sol no mundo, tão lindo e tão brilhante! Ele é o rei da natureza e no Rio, mostra de perto a sua majestade! Seus companheiros de jornada como a lua, as estrelas, as nuvens, o vento, a chuva, tratam-no com muito carinho e afeto! Quando ele emerge, as nuvens saem de sua frente, os ventos se recolhem, a lua se esconde, e as tempestades somente vêm com horário marcado após a ordem emitida por ele!

Quando emerge, vem brincando de bom surfista sobre as ondas do mar! Já disse que ele é um menino sapeca e divertido! Gosta de brincar com as ondas! Quando chega à cidade começa a brincar de esconde-esconde entre os morros! Vai se escondendo de um em um, até passar por todos! O preferido é o Morro do Corcovado com toda a sua imponência e majestade! Parece que ali ele permanece mais tempo! Não deixa, entretanto de brincar com todos que enfeitam a famosa metrópole! Vai pulando de morro em morro como um gato maltês, ou um cabrito domesticado, sem fazer nenhum barulho! Como se diz nas Minas Gerais e em outras regiões do país: "O bom cabrito não berra"! Esse gato ou esse cabritinho esperto vai pulando de morro em morro, entrando pelas janelas semiabertas, acordando os preguiçosos e chamando-os para a praia! Nesse momento já pulou por todos os morros e sorri com todos os dentes para os corpos seminus dos madrugadores das praias umedecidas pelo orvalho da noite!

De moleque travesso e brincalhão passa a ser homem sisudo, com bigodes de algumas nuvens que o acompanham de olhos bem abertos e que observam o mundo com muita atenção.

Ao meio dia está totalmente transformado! Dá sinal ao mundo de que ele é o rei do universo, enérgico e implacável! Entre doze e dezesseis horas trabalha com toda a energia que é capaz de usufruir!

- Cuide-se ou sairás queimado, diz ele aos descuidados!

Nesse espaço de tempo cobra, de tudo e de todos, a obediência de cada um!

A partir das dezesseis horas, um pouco já cansado, diminui suas exigências! Passa a permitir que a brisa da tarde, sua companheira de todos os dias comece a mostrar a sua suavidade, acariciando a cabeça e os corpos seminus que se estendem pela areia!

Lentamente vai caminhando para o ocaso! Lentamente vai puxando algumas nuvens para lhe cobrir os pés, as pernas, o corpo todo, dando-lhes como recompensa aquele colorido que nenhum pintor do mundo consegue dar!

Ele vai se despedindo pouco a pouco e fechando seus olhos cor de brasa! Vai repousar, depois de um dia repleto de emoções, porque a sua rotina é interminável!

Durante a noite sofre transformações!

No dia seguinte volta a emergir e vem surfando de novo sobre as velhas e conhecidas ondas que sempre o esperam para a saudação de um novo dia!

XX

SOBRE BONDES

Ac. Em. Tito de Abreu Fialho

Em certa noite estrelada e plena de belo luar, tendo saído do Teatro Municipal ao findar belo espetáculo operístico, várias pessoas, dadas as circunstâncias, pois suas residências eram próximas umas das outras, dirigiram-se à condução que as levaria.

Eram difíceis os carros, quer de aluguel, como particulares, ônibus, também rareavam, pois os combustíveis estavam racionados devido às dificuldades que a guerra que já se arrastava por mais de quatro anos, restrições impusera à importação daquele produto indispensável para mover os veículos.

Restava, portanto, para conduzir as pessoas, o bonde. A Companhia, ou melhor, a Empresa que administrava os bondes, resolveu, para transportar aqueles passageiros trajando vestes cerimoniais, “soirées”, “smokings”, casacas, peles, jóias (e não existiam assaltos...) no bonde, também paramentado, e que, pejorativamente era, de modo carinhoso denominado “Bonde de Ceroulas”.

Eram, então forrados com capas brancas, os bancos daqueles veículos, naquelas ocasiões.

E por falar em bondes surgiu-me esta história que passo a contar sem mais delongas, nesta oportunidade.

O “Rodrigues Alves” conversava animadamente com o “André Cavalcante” e com o “Malvino Reis”, sobre o que ouvira do “Barão de Mesquita” e do “Barão de Drumond”, ocorrido na “Praça Verdun”.

Fofocas, talvez, pois a “Aldeia Campista” queria deixar a “Vila Isabel” para ir para o “Andaraí Leopoldo”, pois, embora com “Piedade”, não gostava nem do “Engenho Novo”, nem do “Engenho de Dentro”.

Por isso, achava talvez, melhor, ir para a “Tijuca”. Havia um industrial a dirigir um grande negócio, com um argentino, era o “Aguiar Fábrica” e o “Sáenz Peña”. Enquanto isso, o “Jardim Zoológico” transferira-se para a “Quinta da Boa Vista”, próximo do “Largo do Benfica”, e no “Largo da Segunda-Feira”, passando pela “Praça da Bandeira” poderia se chegar à “Lapa”, usando, também “Barcas” enquanto o bonde afirmava: - “E de Ferro”!

O alemão “Meyer” trocava ideias com “Alaor Prata” sobre o “Túnel Novo” e o “Jardim Leblon”; era agradável a “Ipanema” e as “Laranjeiras” cresciam regadas pelas “Águas Férreas”.

Havia certa cerimônia entre “São Francisco Xavier”, o “Bispo” e “Santa Alexandrina” que caminhavam próximos, iluminados pela luz da “Estrela”. O “Lins de Vasconcelos” dialogava com “Madureira” sobre “Cascadura” dizendo que fora convidado para visitar o “Barão de Taquara” que se mudara da “Praça Seca” para a “Freguesia”.

N “Alto da Boa Vista” de susto, a pessoa ficava “Muda” e depois, decidia, com “Alegria” ir à “Praia de São Cristóvão” confraternizar com a “Rua Bela” (de São João) que era lembrada como no “Uruguai”, muito embora um “Rio Comprido” jorrasse por ali, do “Catumbi” até a “Praça Onze de Junho”, ou talvez à “Praça Quinze de Novembro”, porque na “Praça Duque de Caxias” tudo estava calmo e tranquilo.

“São Januário” e “Matoso”, que se chegaram de mansinho, lembravam que “São Luiz Durão” vira “Coqueiros” bem próximo da “Penha”. O “General Osório” e o “General Polidoro” esgrimavam, cada qual defendendo uma praia: a “Formosa” e a “Vermelha”, esquecidos da “Ponta do Cajú” que pontificava como o “Leme”.

Depois de tudo isto, houve uma grande confusão no trânsito da Cidade, verdadeiro nó e então, o Prefeito, para resolver a questão, acabou com as linhas de bondes, deixando apenas os de Santa Teresa. Mas isto, então, é uma outra história que não cabe aqui, pois os bondes foram todos para a “Estação”. E assim termina a Crônica dos Bondes.

XX

ALMA BRANCA

Ac. Hélio Begliomini

A medicina me proporcionou uma visão contrastante do homem e de sua condição simultaneamente apoteótica e trágica.

Se não bastassem os heróis anônimos e involuntários que dispuseram seus próprios corpos e entranhas formalizados para o imprescindível aprendizado anatômico da mais bela profissão humana, as duras aulas de medicina legal sobre os cadáveres recém-formados acenavam para a fragilidade da existência e a lição mais sublime de humildade que todos deveriam alimentar pelo respeito mútuo, desde que foram e são esculpidos no mesmo barro.

Na arte de curar já vi inúmeras doenças e doentes sem-fim. Tratei de corpos contundidos, malformados, mutilados e cravejados; como também de atletas, silhuetas esculturais, rostos angelicais e belezas.

Particpei da alegria de diversos nascimentos e da tristeza de intragáveis partidas.

Fui arauto de boas e de péssimas notícias.

Senti a alegria contagiante de familiares apreensivos pela vinda de um novo ser e partilhei o sofrimento em situações inelutáveis.

Ufanei-me por fazer diagnósticos raros e me decepcionei por não poder tratar várias condições mórbidas sem perspectivas, como se estivesse de mãos atadas num beco sem saída.

Ajudei a parir inocentes conceptos e tratei candidamente de indesejáveis bandidos.

Atendi seres humanos acidentados, esfaqueados, baleados, drogados e estuprados.

Toquei em corpos ensanguentados e perfumados... incólumes e desarticulados... atraentes e repugnantes... hígidos e alquebrados... sensatos e alienados... formados e deformados...

Contatei e avaliei incontáveis pessoas. Senti nas mãos o calor de entranhas e retirei diversas vísceras desvitalizadas, estragadas ou tomadas por diferentes enfermidades.

Encantei-me com a vida colorida e deslumbrante no interior de órgãos e sistemas orgânicos.

Atendi pessoas da classe "A", da classe "E" e socialmente desclassificados. Bem vestidos e maltrapilhos com roupas surradas, desbotadas e rasgadas.

Senti perfumes estrangeiros e odores de corpos suados, sem acesso a banhos semanais, ou mesmo de corpos vomitados, urinados e defecados.

Compartilhei doenças de amigos... familiares... filhos... e participei em cirurgias de entes queridos – sangue do meu sangue – experiência inefável que pouquíssimas pessoas poderiam aquilatar.

Vi olhos atentos, cenhos apreensivos, semblantes apavorados, como também personalidades alegres, confiantes em fâcies serenas diante de uma miríade de doenças.

Presenciei pessoas que conviveram com os achaques da vida, que aceitaram ou que se desesperaram diante da inexorabilidade da morte.

Observei através dos olhos e além das entranhas. Avaliei e tratei do psiquismo sem ser psicólogo ou psiquiatra.

Compartilhei do lenitivo benfazejo daqueles que têm uma crença e do vazio repugnante de outros que não visualizam a perspectiva da fé na transcendentalidade da matéria.

Trabalhei sofregamente durante o dia e durante a noite. De sol a sol, em jornadas extasiantes e intermináveis aos finais de semana, feriados, natais e *réveillons*. Por vezes, não contemplei o encantamento mágico da alternância do dia pela noite e da noite pelo dia.

No sacerdócio médico experimentei a alegria e o pranto... o prazer e a aversão... a amizade e a solidão... a gratidão e a ira... o apogeu e o fracasso... a glória e desilusão... a fraternidade e o desespero. Cuidei de pacientes desnutridos e consumidos pela paupérrima condição social ou por alterações patológicas.

Apalpei megeras humanas desdentadas – esqueletos semivivos – carcomidos, combalidos e vencidos por múltiplas doenças.

Acompanhei tristemente pessoas sadias serem surpreendidas, transformadas e desfiguradas num passe de mágica por diversas enfermidades e, todos ficamos perplexos diante da fragilidade e da fatalidade humana.

Presenciei doenças controladas, curadas, evitáveis e erradicadas; mas sempre vi a infalibilidade da morte sucumbir a realza da vida.

Senti incontido ser depositário de confiança e de esperança e o dissabor paradoxal da incapacidade pela limitação dos conhecimentos científicos e profissionais.

Atendi em hospitais, consultórios, igrejas, aviões, lugares públicos; em festas e em velórios.

Adentrei casas, apartamentos, mansões, porões e favelas.

Testemunhei famílias unidas pelo imenso amor e benquerença, e lares ameaçados ou destroçados pelo ódio aniquilador.

Examinei gente de toda estirpe: de operário a professor... de artista a aposentado... de ministro a desempregado... de intelectual a analfabeto... de militar a liberal... de político a eclesiástico... de policial a malfeitor... de santo a prostituto.... de inocente a corrupto.

Através do exercício da sagrada arte hipocrática, a existência desfilou-se-me nua e crua em toda a sua pujante extensão: da aurora intraútero ao ocaso desconexo da senectude. Em tudo vislumbrei a força incoercível e carinhosamente geradora do Criador e, em todos, vi delicados e inestimáveis invólucros de Sua imagem e semelhança.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL CRÔNICA

1º Lugar Especial - CRÔNICA - BILOCA - Amélia Luz.

2ºLugar Especial - CRÔNICA - DA MINHA CADEIRA NA VARANDA - Claudia Valeria de S. Paula

3ºLugar Especial - CRÔNICA - TRIANGULO DOLOROSO. Lydia Simonato

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL CRÔNICA

1º Lugar Especial CRÔNICA - BILOCA - Amélia Luz.

BILOCA

Amélia Luz

O dia amanheceu mais cedo. Zia pegou o punhal e se encaminhou para o chiqueiro para matar o porco que rolava de gordo. Foi uma gritaria só! Biloca veio correndo com vasilhame de ágata, sangraram e pelaram o bicho e depois, com faca afiada, dividiram-no em duas partes com farto toucinho. Eles começaram a cortar a barrigada, separar as partes nobres, tirar as tripas para linguiça e chouriço. Zia foi lavar as tripas no córrego, uma bacia cheia... Ela cortou em quadradinhos todo o toucinho que ia para o tacho virar gordura.

Havia na roça este estranho e solidário costume de mandar para cada amigo ou vizinho um pedaço do “capado” envolto em folhas de bananeira dentro de uma cesta trançada de bambu. A carne ia coberta por um alvo pano de prato feito de saco alvejado.

Para o patrão, o Cumpade Lô, mandavam a melhor parte do lombo, lingüiça e “frissuras”. Para os outros mandavam o que podiam ou o que sobrasse. Era um dia de festa. O fogão a lenha ardia em chamas o dia todo. Os camaradas do sítio se avizinhavam para beber um gole de boa cachaça e saborear o tiragosto que Biloca tão bem preparava.

Depois tudo era guardado em grandes latas cheias de gordura fresca para ser consumido aos poucos.

Zia e Biloca se aprontavam e tomavam novo rumo. Ela de vestido de chita bem estampado e colorido, alpercata nos pés, pernas arqueadas, baixotinha e gorducha, com um sorriso sincero e inocente com os poucos dentes que lhe restavam. A boca era sempre fortemente pintada de batom vermelho, as unhas cansadas pela lida traziam vestígios de esmalte e na face uma roda de “rouge” nos maxilares proeminentes. Ele de calça arregaçada, uma perna mais que a outra, camisa de algodão barato, listada, chapéu de lebre na cabeça e um bernalzinho cheio de ovos caipira além de um pesado varal de galinhas nos ombros para vender no armazém de secos e molhados do Sr. Antônio Bifano. De volta traziam um litrinho de “crozena” (querosene) para a lamparina, o “açucra”, o café para torrar em casa, o fósforo e outras mercadorias simples para o sustento da família que se resumia nos dois.

O casebre era muito pobre, porém limpo, muito limpo. Biloca passava barro branco até no chão e as panelas de ferro brilhavam areadas com cinza de arroz, expostas na prateleira da cozinha.

A horta sempre farta de muitas verduras: couve, alface, agrião, almeirão, bertalha, cebolinha verde e salsa, hortelã, manjeriço, alfavaca e pimenta, como também inhame, batata doce e mandioca. No milharal, milho comum para as criações e para se comer cozido ou fazer papa e o milho de pinto, pequeno e delicado para os filhotes. No pomar abacateiros, jabuticabeiras, jambeiros, laranjeiras e frutas a fartar. O galinheiro estava cheio de boas poedeiras e o chiqueiro sempre com um porquinho macau na engorda.

Na frente da casa um pequeno jardim com moça-velha, monsenhor, sempre-viva e alegres margaridas ao lado dos cravos perfumados. Uma árvore de pata-de-vaca, bem frondosa dava flores de uma delicada cor de rosa e muita sombra. Debaixo dela fizeram um banquinho de madeira rústica para os “causos” compridos nas tardes de verão. Na cacimba água fresca e leve, vinha da bica da pedreira. As roupas

branquinhas, (quase trapos), eram quaradas na grama verde, batidas nas pedras do córrego, enxaguadas e penduradas no varal, agitadas pelo vento, secavam ao calor do sol.

A vida corria simples da roça para a cidadezinha, da cidadezinha para a roça. Era o universo deles, puro, simples, cheio de paz... E lá ia a Biloca, cabelo frisado, molhado de Glostora, cheirando a perfume barato, gritando apressada com a sua voz muito rouca:

- Anda, Zia, vão pá rua!!! Já tá ficano tardi, moleza !!! Ansim nós num pega cumerço aberto, uai!!!

Certo dia Biloca adoeceu vítima de mordedura de cobra. Nada adiantou, chás, emplastros, benzeduras. Amanheceu morta sem aquela animação e sem o brilho corajoso nos olhos. Os lábios estavam pálidos e cerrados para sempre. Parecia mentira! O cortejo foi triste. Saiu num caixão feito de madeira coberto por tecido roxo guarnecido por galões dourados. Pelos braços dos amigos foi levada à capela e à cova rasa, sem túmulo, sem discursos de despedida, sem pompa. Zia entristeceu e entregou-se à prostração. Desanimado passava o dia calado cuidando das coisas que lhes pertenciam sem nenhuma animação. Só a lembrança, a lembrança da Biloca que continuava viva no seu coração e que servia de força para continuar a peleja da vida de sol a sol no cabo da enxada lavrando a terra para lançar novas sementes e esperar outras colheitas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

DA MINHA CADEIRA NA VARANDA

Claudia Valeria de Sales Paula

Gramma, sol e chuva; areia, seca e cactos; terra, alface e lesma; água, correnteza e peixe; aroma, cor e espinho. Eis algumas conjunções da Natureza e da vida. A responder, teríamos: gramado, deserto, horta, rio e roseira.

Quantas outras conjunções podem ser formadas para interpretar e desenhar a vida! Conjunção é unir, aproximar – e quantas dívidas nós, humanos, temos com a Natureza que, tal como amante sabidamente traída, mesmo assim espera por arrependimento dos infiéis.

Já perceberam que depois do azul, o teto do planeta, a cor dominante é o verde, o tapete da Terra? Mas o que quero chamar a atenção é sobre a arte do Pintor da Natureza. A princípio o domínio do verde poderia sugerir monotonia. Mas quantas variações de tonalidade dessa invasora cor. Monótonos são nossos olhares, que nem sempre se mostram atentos e atilados. É a conjunção dando movimento às paisagens, fecundando-as de beleza irretratável.

A lástima é que quase não há mais tempo para tais apreciações, que não dão leite, ovos e nem carne, e muito menos lucros nas bolsas de valores.

Três são as principais lembranças que tenho da conjunção: a primeira é a relacionada com a gramática, apresentando-se com seus inúmeros tipos e subtipos – coordenativas, subordinativas, aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e outras mais – algumas apreciadíssimas por políticos espertos e escorregadios. A segunda pertence aos astrofísicos, quando descobrem e anunciam “conjunção de corpos celestes”. Finalmente, a terceira, compõe capítulo da Disciplina Medicina Legal – “conjunção carnal”. Qualquer aluno de Direito ou Medicina, mesmo ausente às aulas sobre temas de sexualidade – seus desvios e ilícitos – terá sempre viva lembrança sobre a conjunção em apreço. Para poetas e amantes – “delícias suculentas”; para juristas agravamento de ilicitudes no terreno da sedução e outros relacionados com o eterno tema, desdobrado em “justificável confiança” e desaguando no hediondo “estupro”.

E da minha cadeira na varanda, longe dos ruídos das motos e das freadas, tendo como companhia as vozes dos pássaros canoros, dos bemóis e sustentidos dos meus sinos dos sete ventos, do inconfundível chamado das galinhas de Angola, sigo arrebatado em conjunção com mil verdes à minha volta e outras mil cores que se mostram em rodízios sazonais - hoje as helicônias, amanhã e mais tarde o ipê, as buganvílias, a espatódea, as azáleas, os jasmims (que aroma!), as bromélias, o jambeiro e outras cores ainda não descobertas.

E aí me pergunto. Por que blasfemar? Se o fizesse, estaria cometendo crime hediondo.

Se por um lado sinto-me “Passante sem Destino” ao espatifar-me de encontro com governos e governantes desse país (des)conjuntado, sirvo-me da minha cadeira na varanda para não “pôr a cabeça no forno”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

TRIANGULO DOLOROSO

Lydia Simonato

Depois de um namoro longo, finalmente o casamento.

Suzana ficou linda com vestido de noiva, véu e grinalda. Um buquê de orquídeas brancas, colar e brinco de pérolas verdadeiras vindo da Ilha de Majorca, na Espanha.

Antonio também estava muito bonito. Alugou, na casa *Só Rigor*, um meio-fraque, com calça de listra e gravata curta diferente da tradicional.

A decoração da igreja, feita com palmas amarelas, vindas de Holambra.

Uma cantora lírica era acompanhada pelo órgão da igreja. A recepção no Lê Buffet, cascata de camarões, canapés, salgados e o famoso doce “casadinho” da Tia Lia, de Juiz de Fora.

Enfim, um casamentão!

Passaram a lua-de-mel na Grécia.

Chegaram a Atenas, visitaram a Acrópole, depois foram para a Ilha de Santorini, onde viram a principal atração turística: o pôr-do-sol, atrás do extinto vulcão, que quando termina todos batem palmas, aplaudindo o belo espetáculo que a natureza executa. Estiveram também na Ilha de Mykonos. A mais bonita delas. Andavam de dia pelas estreitas ruas, todas bem parecidas, formando um grande labirinto. Terminavam a noite nos restaurantes de *Little Venice*, dançando a música do filme: *Zorba, o Grego*. Conheceram às praias, até a de nudismo *Super Paradise*.

Voltaram desse maravilhoso passeio e começaram a nova vida de casados.

Os dois trabalhavam na mesma repartição pública, em salas separadas.

Um casamento de muita união, até que vieram as doenças.

Ela descobriu que estava com um problema muito sério em um dos rins.

Fez vários tratamentos. Um dia o médico falou: a única solução seria um transplante. Um choque, esta realidade. Procurou um possível doador, e qual não foi sua surpresa quando descobriu que o próprio Antonio poderia sê-lo.

Ele ficou contente em ajudá-la, e assim acabar com todo aquele sofrimento que ela estava passando.

Um sucesso a cirurgia!

A partir desse momento, começou a tratá-la como se fosse um pedaço dele. Tinha um ciúme doentio dela e principalmente do seu rim. O relacionamento, cada vez mais difícil.

Suzana sentia-se uma prisioneira: não podia fazer nada. A vida tornou-se um verdadeiro inferno, a tal ponto de querer a separação. Saiu de casa.

Antonio não se conformava com esta situação. Ficar longe de seu rim! Era inacreditável.

Suzana, por sua vez, entrou em depressão. Uma amiga falou que ela deveria procurar um analista ou fazer uma biodança, que iria ajudar muito a sua maneira de viver com esta separação.

Resolveu fazer as duas coisas. Conversava muito com seu analista, mas foi a biodança que alegrou a sua vida. Justamente lá que ela conheceu o Mauricio, um rapaz maravilhoso, também separado.

O relacionamento dos dois era perfeito, e finalmente Suzana conseguiu refazer sua vida de casada.

Antonio não se conformava: *Ela não pode ser de outro homem, tendo um pedaço meu em seu corpo. Quero meu rim de volta.*

Entrou na Justiça, pedindo a devolução, alegando que não vivia bem só com um rim. Perturbou tanto a vida dela, a ponto de Suzana concordar. Não estava mais conseguindo viver com o rim dele. Passou então a procurar outro doador.

Finalmente conseguiu. Que coincidência: o próprio Mauricio!

Uma semana depois, entraram os três na sala de cirurgia.

Foi feito o primeiro transplante. O médico tirou o rim, e colocou-o de novo no Antonio.

Quando estavam fazendo a segunda cirurgia, o coração dela não resistiu e parou.

Que fatalidade!

Antonio está com os dois rins, mas, com a consciência pesada, não consegue mais viver em paz.

Um amigo aconselhou: *Vai fazer Biodança.*

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ACADÊMICA ENSAIO

1º Lugar ENSAIO - CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO POETA APAIXONADO - Ac. Hélio Begliomini

2º Lugar ENSAIO - EUCLIDES DA CUNHA - Ac. Em. Luiz Gondim de A. Lins

3º Lugar ENSAIO - A HISTÓRIA DA MEDICINA - Ac. Nelson Jacintho

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ac. Hélio Begliomini

Parece até redundância, mas dizer que todo poeta não sofre na pele as benesses e as agruras do amor, da paixão é simplesmente ignorar o que é ser poeta ou fazer poesia. Aliás, outro afamado vate brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, não somente já havia referido que ele fora “o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão”; mas também, com um pingão de inveja, disse que ele “foi o único de nós que teve a vida de poeta”. E ele se tornou particularmente um notável sonetista, assim se referindo como trabalhava: *“Com as lágrimas do tempo e a cal do meu dia eu fiz o cimento da minha poesia”*.

Ele foi um romântico ao seu modo. Consignou num de seus versos: *“quem não curtiu uma paixão nunca vai ter nada não”*. E ele curtiu de modo avassalador sua paixão, pois, atinente à sua fama de conquistador e volúvel no amor, teve nada menos do que nove esposas¹ (!) e cinco filhos².

Tom Jobim, que o chamava carinhosamente de “poetinha”, certa feita lhe questionou quantas vezes iria se casar. Irreverente e descomprometido, improvisadamente lhe respondeu: *“Quantas forem necessárias”*. Aliás, se definia como um “mulherólogo” e dizia que *“nada melhor para a saúde que um amor correspondido”*. Ademais, ousou mensurar o tempo do amor fiel na estrofe final do seu afamado e paradoxal “Soneto de Fidelidade”: *“Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure”*.

Sua proeza artística fora herdada de seus progenitores, demonstrando desde cedo pendores para a poesia. Sua mãe, Lydia Cruz de Moraes, era uma virtuose no piano; e seu pai, Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, violinista amador que também poetava sua sensibilidade. Nascido há exatos cem anos, em 19 de outubro de 1913, como Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes, foi aos nove anos de idade com sua irmã Lygia, ao cartório, simplificar seu nome para Vinícius de Moraes³.

Ele foi um carioca da gema. Nascido e falecido na Gávea, embora tivesse mudado de bairros, cidades e de ter habitado em diversos países, viveu e transpirou intensamente em seus versos sua cidade maravilhosa.

Concluiu o estágio no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva e graduou-se em direito (1933), mas, sem vocação, preferiu a advocacia. Aplicado, foi agraciado com uma bolsa do Conselho Britânico para estudo de língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford.

Iniciou sua trajetória profissional, atuando como crítico de cinema e colaborador do Suplemento Literário do jornal A Manhã. Fez-se amigo de intelectuais que se tornariam grandes nomes da literatura nacional como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Afonso Arinos de Melo Franco, Otávio Faria, Múcio Leão, Cassiano Ricardo e Mario de Andrade, dentre outros.

Inteligente e culto ingressou, por concurso, na carreira diplomática e tornou-se em 1946, vice-cônsul do Brasil em Los Angeles (EUA), aí permanecendo sem retornar ao seu país por quase cinco anos. Subsequentemente atuou em Paris, Roma, na Unesco⁴ e em Montevideu.

Pari passu sempre alimentou sua atividade poética, jornalística e literária, lançando livros e vendo alguns de seus trabalhos conquistando o exterior; compondo letras para músicas; redigindo crônicas

¹Beatriz Azevedo de Melo (mais conhecida como Tati de Moraes), Regina Pederneiras, Lila Bôscoli, Maria Lúcia Proença, Nelita de Abreu, Cristina Gurjão, Gesse Gessy, Marta Rodrigues Santamaria (a Martita) e Gilda de Queirós Mattoso.

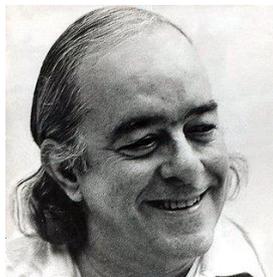
² Suzana (1940), Pedro (1942), Georgiana (1953), Luciana (1956) e Maria (1969).

³Vinícius é o segundo de quatro filhos: Lygia (1911), Laetitia (1916) e Helius (1918).

⁴Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

diárias para o jornal A Vanguarda; colaborando no tabloide semanário Flan de A Última Hora, assim como se diversificando em dramaturgia.

Em 1958, no mesmo ano em que partia para Montevidéu, saiu seu disco “Canção do Amor Demais”, que se tornou um marco do início da Bossa-Nova. Nele havia músicas suas com Antonio Carlos Jobim, cantadas por Elizete Cardoso, tendo ao fundo, pela primeira vez, o ritmo típico desse gênero musical tocado por João Gilberto em seu violão. O samba “Chega de Saudades” nele inserido, é considerado o marco inicial desse movimento. No ano seguinte alimentou a Bossa-Nova com o disco “Por Toda a Minha Vida”, reunindo uma vez mais canções suas com Jobim, agora na voz de Lenita Bruno.



Espirituoso, deixou diversos pensamentos em suas crônicas, poemas, entrevistas, falas, e músicas: *“A gente não faz amigos, reconhece-os”*; *“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”*; *“Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!!! O amor é fantasia, eu me encontro ultimamente em pleno carnaval”*.

Vinícius de Moraes compôs canções com múltiplos parceiros e nomes que ficaram na história da música popular brasileira. Além de Tom Jobim fez parceria com Carlos Lyra, Pixinguinha, Edu Lobo, Ary Barroso, Chico Buarque, Francis Hime, Baden Powell, tendo com esses dois últimos ganhado o primeiro e segundo lugares do I Festival de Música Popular de São Paulo promovido pela TV Record, em 1965.

Entretanto, sua parceria mais famosa foi com o violinista e compositor Toquinho, que surgiu em 1970. Durante os tempos universitários teve o privilégio de vê-los ao vivo, num *show* na segunda metade dos anos de 1970. Nem tudo foi êxtase, pois em pouco mais de uma hora de espetáculo, o “poetinha” que cantou todo o tempo sentado e apoiado numa pequena mesa, detonou sozinho uma garrafa de uísque, além enfumaçar seu entorno, engatando um cigarro noutro. E jocosamente justificava seu etilismo: *“O uísque é o melhor amigo do homem. É o cachorro engarrafado”*.



Sua vida de boêmio não se coadunava com o protocolo da carreira diplomática, sendo exonerado pelo Itamaraty em 1969, após 26 anos de pertença ao Ministério das Relações Exteriores. Entretanto, não resta dúvida de que Vinícius de Moraes prestou muito mais serviços ao Brasil como literato e compositor do que nas embaixadas por onde passou. Apenas uma de suas composições feitas em conjunto com Tom Jobim, em 1962, “Garota de Ipanema”, ao lado de “Aquarela do Brasil⁵” de Ary Barroso, tornaram-se verdadeiros hinos pátrios não somente dentro do país, como ao redor do planeta. Aliás, o Brasil é também conhecido no exterior por essas músicas!

Vinícius de Moraes falecido em 9 de julho de 1980, aos 66 anos, está perenizado em seus livros, crônicas, poemas e, particularmente em mais de 300 letras de músicas suas, e de um sem-número de compositores ou seus parceirinhos como ternamente os chamava.

Muito mais a favor dos interesses do governo brasileiro do que aos pretensos benefícios tributados à sua memória, foi, 26 anos após a sua morte⁶ (!), reintegrado aos quadros do Ministério das Relações Exteriores, ocasião em que foi inaugurado o “Espaço Vinícius de Moraes” no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

⁵ Escrita em 1939 e originalmente chamada de “Aquarela Brasileira”.

⁶ Efeméride ocorrida em 8 de setembro de 2006.

Sem nenhuma dúvida, o livro “OS SERTÕES” se constituiu num marco da literatura brasileira ao enfatizar os grandes problemas do sertão pertinentes à terra, clima, flora e fauna.

No capítulo referente “à terra,” procede a uma dissecação da constituição geográfica da região de Canudos e do continente americano.

Na parte alusiva “ao homem”, penetra e expõe toda a extensão de sua dor inevitável, decorrente de uma terra estéril e, no entanto, exuberante. Aquele terrível deserto que, após alguns dias de chuva, deslumbra com matas cobertas de verde e o florescimento do mandacaru. O sertão é único, incomparável, singular, é pátria independente. O homem tem por princípio a fé, tentando escapar da maldição da seca implacável. Aliás, as grandes secas obedecem a um periódico ciclo que assola a região há mais de duzentos anos.

Na parte da obra que se refere “à luta”, os leitores se deparam com grandioso épico, porfias sangrentas e episódios impiedosos, dolorosos desenrolados em terras brasileiras.

Ao longo de um ano, em 1896, quatro expedições foram mandadas contra pouco mais de vinte mil homens da região: caboclos, índios, mulatos e negros. Sob o comando do beato Antônio Conselheiro, munidos de pedras e armas rústicas, enfrentaram com extrema coragem e galhardia aos soldados, que portavam granadas, metralhadoras e canhões. Apesar da grande vantagem numérica e de armamento, perderam várias batalhas. Nada acontece por acaso. A vida do grande escritor Euclides da Cunha foi eivada de sofrimento, dificuldades e tragédias.

Nascido no dia 20 de janeiro de 1866, em Cantagalo, estado do Rio de Janeiro, perdeu sua mãe, vítima de tuberculose, quando ele tinha apenas três anos de idade.

Muito aplicado no aprendizado, aos onze anos, por sugestão do avô, foi estudar na cidade de Salvador, no colégio Bahia. Dois anos após, foi para o Rio de Janeiro, onde frequentou ótimos colégios, entre eles o Anglo-Americano, Vitória da Costa e colégio Aquino, onde foi aluno de Benjamin Constant, de quem recebeu grande influência.

Escreveu artigos no jornal da escola, “Democrata”, sobre a natureza e equilíbrio ecológico.

Aos quatorze anos, produziu poesias denominadas “Ondas”; aos dezenove optou pela engenharia, cursando a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Assentou Praça na Escola Militar da Praia Vermelha, tendo como professor Benjamin Constant, fervoroso adepto do movimento republicano.

No dia 4 de novembro, quando o Ministro da Guerra visitava a Escola Militar, o jovem e ardoroso republicano Euclides da Cunha atirou seu sabre aos pés da autoridade (“episódio do sabre”), tendo sido preso e transferido para o Hospital Militar, com o diagnóstico de “esgotamento nervoso por excesso de estudo”. Posteriormente, foi perdoado pelo imperador D. Pedro II, porém sua matrícula foi cancelada na Escola Militar.

Logo após a proclamação da República, Euclides foi reintegrado graças ao empenho de alguns professores, entre eles Benjamin Constant. No ano seguinte, matriculou-se na Escola Superior de Guerra e concluiu o Curso de Artilharia. Publicava artigos no jornal “Democracia” defendendo o positivismo, atacando o clero.

Em 14 de abril de 1890, foi promovido a segundo-tenente e, no ano seguinte, se casou com Ana Emilia Ribeiro, filha do major Sólon Sampaio Ribeiro. Em 1891, concluiu o curso da Escola Superior de Guerra, recebendo o título de Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais. Em janeiro de 1892, promovido a primeiro-tenente. Durante pouco mais de três meses escreveu no jornal “O Estado de São

Paulo". Em 1896, desencantado com a República, disse adeus à carreira militar. Em 18 de setembro do mesmo ano, foi efetivado na Superintendência de Obras Públicas do estado de São Paulo, como engenheiro ajudante de primeira classe. No ano seguinte, foi convidado por Júlio Mesquita, diretor do jornal "O Estado de São Paulo", para ir como repórter para a cidade de Canudos, no sertão baiano.

Euclides ficou impressionado com o que viu: morte de amigos e a bravura dos jagunços. Antônio Conselheiro era tido como monarquista fanático, meramente religioso, sem ligação com a política. Euclides voltou abalado da guerra, firmemente disposto a vingar o massacre de Canudos, e o fez através de seu livro "Os Sertões". Referia-se ao seu livro como vingador em defesa dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha e sanguinária. Paralelamente, desenvolvia seu trabalho de engenheiro especializado em construção de pontes. Vivia com dificuldades com a mulher e três filhos: Sólon, Quidinho e Manoel.

Moraram em Guaratinguetá e Lorena, cidades de São Paulo.

Em 1902, foi lançado seu livro "Os Sertões", com a primeira edição esgotada em dois meses. Lançadas novas edições em 1903 e 1904, sendo que a quinta edição, vindo a público após sua morte, continha mais de duas mil correções. O livro, hoje com inúmeras edições, foi traduzido para mais de dez idiomas. Em 18 de dezembro de 1906, tomou posse na Academia Brasileira de Letras, sendo que, um mês antes, foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ainda em 1906, nasceu o quarto filho, Mauro que morreu com apenas sete dias de vida. Desde 1906, Euclides era tuberculoso, com crises de hemoptise. Em 1907, a mulher voltou a engravidar, nascendo Luiz, definido como "uma espiga de milho no meio de um cafezal". O menino nascera com cabelos claros e olhos azuis. Apesar disso, Euclides o registrou como seu filho. O livro "À margem da História", com estudos sobre a Amazônia, só foi publicado após sua morte.

As brigas entre Euclides e Ana eram frequentes, culminando com a mulher abandonando o lar para viver com o amante Dilermando de Assis e pai de Luiz. No dia seguinte, 15 de agosto de 1909, às dez horas de uma manhã chuvosa, Euclides batia palmas na casa 214 da Estrada Real de Santa Cruz, em Piedade. Acertou dois tiros no rival e recebeu três, vindo a falecer pouco depois. Suas últimas palavras foram "Honra... perdô-te" para a mulher e "Odeio-te" para o amante.

PERFIL PSICOLÓGICO

Carente afetivo por toda sua vida, perdeu a mãe aos três anos e jamais recebeu da esposa cuidados e carinho. Lacunas afetivas profundas, nunca preenchidas, não chegou a conhecer o amor. Projetou no casamento uma felicidade que não iria conhecer. A esposa era esquiva, equidistante, "muito falada", expressão da época, ela vivia na janela e não se escondia dos homens.

De constituição física frágil, caráter íntegro e auto-determinado.

Inteligência e memória privilegiadas. Tímido, arredio de festas e solenidades. Índole perfeccionista, corrigia inúmeras vezes suas publicações, usava tinta nanquim. Movido por impulsos e traços de agressividade, haja vista quando atirou seu sabre aos pés de um general. Assim viveu, assim morreu, um dos maiores escritores brasileiros.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A medicina demorou muitos séculos para alcançar o desenvolvimento pleno. Séculos e séculos se passaram sem que houvesse remédio verdadeiramente útil para a humanidade. Não havia os remédios, assim como não havia meios de identificar os males que atacavam e dizimavam as pessoas.

Pode-se considerar que a Medicina apareceu no tempo de Hipócrates, o chamado pai da medicina. Ela era mais de observação do que de estudo científico. Os praticantes da medicina observavam muito a água e o meio ambiente. Água salobra, parada nos pântanos era considerada ruim. As águas que brotavam das rochas era boa. A vegetação do meio ambiente, também era muito observada nessa época. Algumas plantas começaram a ser usadas para a tentativa de cura de algumas doenças. Passou-se da observação para a ação, a obra efetiva do homem. Devemos lembrar que, antes disso, as doenças e as curas dessas doenças eram consideradas obras dos deuses do Olimpo. As pessoas estavam mais ligadas aos céus do que à terra. As curas eram consideradas como bênçãos e as doenças, como castigos. O corpo humano começou a ser observado com alguma frequência, mas não havia meios, nem aparelhos para observar o corpo no seu interior. O olho era o principal instrumento usado para o diagnóstico das doenças, mas como as doenças eram enviadas pelos deuses, não havia muito o que fazer. As religiões foram por muitos anos, talvez séculos, o grande entrave da medicina. Quem se manifestasse contra a religião, poderia ser morto. O corpo humano era considerado a Casa de Deus e essa não era para ser bisbilhotada pelos humanos. Com o passar dos anos o homem começou a prestar atenção no seu próprio corpo, principalmente o médico. Muitos faziam experiências consigo mesmo. Eles eram o paciente e o médico ao mesmo tempo. Alguns tiveram sérios problemas de saúde por causa dessas experiências. Com o passar do tempo começaram a ter maior liberdade para examinar outros pacientes.

Os aparelhos médicos

A aparelhagem para os exames, praticamente era inexistente. Por muitos anos a respiração era sentida através do ouvido humano ao se coloca-lo nas costas dos pacientes. O estetoscópio, esse aparelhinho simples que hoje parece ter sido óbvia a sua descoberta, teve uma história longa. Uma caixinha redonda com uma membrana envolvendo a sua superfície, com um tubo de borracha que termina em duas pequenas estruturas que levam o som aos ouvidos do médico, não parece um instrumento banal que poderia ter sido inventado por uma criança? Parece mesmo, mas demorou anos e anos para ser desenvolvido. O princípio desse aparelhinho começou com Leonardo da Vinci, o homem que parece que inventou tudo que não existia no mundo até a sua época! Da Vinci viveu de 1452 a 1519. Foi um cidadão memorável. Inventou aparelhos, ferramentas, armas de guerra de ataque e de defesa, pontes suspensas etc. Havia, entre tantos outros inventos, uma ponte de madeira entrelaçada, sem uso de pregos que poderia passar por cima de qualquer rio e sustentava a tropa com seus carros de guerra.

Voltando ao estetoscópio, ele observou que o barulho feito por um movimento, uma tropa, por exemplo, era mais bem transmitido por um material sólido do quem pelo ar. Isto também acontecia com os líquidos. Ele dizia que se colocássemos um tubo na água, poderíamos ouvir um navio que vinha se aproximando, bem antes de ter sido visto. Assim, também se ouviria o deslocamento de uma tropa ao se por um canudo, ou um pedaço de madeira sólida no chão.

Além de da Vinci, outras cabeças brilhantes foram aparecendo.

Muito tempo depois dele, apareceu outra cabeça brilhante: Laenec, um médico francês nascido no dia 17 de fevereiro de 1781, portanto mais de 300 anos depois de da Vinci, que morou no noroeste da França, numa região chamada Bretânia. Laenec lendo sobre a vida e os trabalhos de da Vinci, no início do século XIX, ficou encantado com as descobertas dele e resolveu estudar medicina na Faculdade de Medicina de Paris, o maior centro de pesquisa em medicina do mundo, na época. Laenec, viveu no apogeu da Revolução Francesa que culminou com a derrocada de Robespierre e a queda da Bastilha. Era pessoa frágil, asmático e de vez em quando tinha de deixar Paris e ir para a sua terra natal Bermania, para adquirir novas forças. Ia para Paris, ficava mais algum tempo, até piorar o seu quadro clínico. Ao piorar voltava para a Bermânia. Laenec morreu aos 45 anos, mas deixou uma enorme contribuição para a medicina. Na sua época a ausculta era feita colocando-se o ouvido diretamente nas costas do paciente e no peito. Laenec sempre achou ruim examinar mulheres de mamas grandes quando tinha de auscultar o coração, além de não conseguir ouvir nada dos batimentos cardíacos. O que ele fez? Pegou pedaços de papel, enrolou-os sobre eles mesmos e formou um canudo. Estava descoberto o estetoscópio. Esteto quer dizer peito e scopio, exame. Após o tubo de papel, passou para um tubo de madeira de 33cm de comprimento e 5 cm de largura. Laenec foi um marco na medicina. A medicina, que era autocrática e elitista, passou a ter receptividade iconoclasta, isto é, passou a não respeitar as tradições que vinham da antiguidade, abrindo-se para novos conceitos. Antes de Laenec a medicina era praticada usando-se a inspeção, a palpação e a percussão. Foi ele que introduziu a verdadeira ausculta.

O estetoscópio evoluiu, mudou o material de confecção, o tamanho, o tipo e somente no século XX, foi colocada a membrana no cilindro que era e é colocado no corpo do paciente.

O aparelho de medir a pressão arterial foi outro aparelho que ajudou muito a medicina. Há muitos anos os egípcios começaram a pesquisar e a dar valor às pulsações sanguíneas.

O papiro de Ebers já dizia que colocando-se a polpa digital no punho e em outros lugares do corpo, sentia-se a pulsação do sangue. Ele dizia que a pulsação era a fala do coração através dos vasos sanguíneos.

A pressão arterial somente começou a ser estudada, entretanto, por Santório, médico veneziano, nos séculos XVI e XVII. Ele inventou o pulsiloguim, aparelho que media a pulsação. Ele também inventou o termômetro, outro aparelho que veio ajudar muito a medicina. A circulação sanguínea foi estudada com detalhes por um inglês chamado Willian Harvey, que nasceu em 1578 e morreu em 1657.

Jean Leonard Poeseuille, que nasceu em 1799 e morreu em 1869, inventou o hemodinamômetro, o aparelho que iria medir a força da pressão arterial.

Os aparelhos antigos eram grandes e de difícil locomoção. Hoje você o carrega numa pequena bolsa.

Outros aparelhos foram sendo inventados na Europa e nos Estados Unidos. Com essas invenções a medicina foi melhorando a sua atuação e a ter maior crédito, principalmente nesses países mais adiantados. Com o avanço da medicina vieram grandes laboratórios de pesquisa e de fabricação de novos remédios.

O aparecimento dos remédios

O aparecimento dos remédios realmente efetivos, demorou séculos. O primeiro tratamento de doença, com resultado satisfatório que se tem notícia foi de 1619.

Foi nessa época que começou o tratamento da malária com a cinchona. Começou também o tratamento da desintéria com raízes de ipecacuanha, por intermédio de seus alcalóides quinino e emetina. Em 1860 Lister começou a usar o fenol para desinfetar o seu instrumental cirúrgico. O resultado foi a grande diminuição das doenças pós-operatórias causadas por contaminação desses materiais.

Em 1869 Paul Erlich descobriu o Salvarsan. Em 1910 ele testou o 606º remédio, composto de arsênico, para o tratamento da sífilis. Esse remédio teve o seu uso até 1940.

As sulfonamidas começaram a ser usadas em 1935, na Alemanha e na Inglaterra, ao mesmo tempo. Em 1938 surgiu a sulfapirina, que foi efetiva no tratamento das pneumonias. Depois veio a sulfapiridina. Esta melhorou muito os efeitos colaterais de vômitos e cianose. Em 1939 Florey descobriu a tirotricina, bom antimicrobiano, mas muito tóxico.

O fim do século XIX e começo do século XX foi a época do grande começo da medicina moderna, principalmente durante e depois da Primeira Grande Guerra e mais ainda durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

Algumas ocorrências que ajudaram a Medicina

A anestesia foi uma das principais. Ela foi descoberta pelo anestesista mais famoso de todos os tempos: Horace Wells. Ele observou que o gás do riso (óxido nitroso) que provocava riso nas pessoas, também provocava anestesia, ao ver uma pessoa dominada pelo gás provocar um ferimento na perna e não sentir dor. Isto aconteceu em 1844. Quando Wells procurou o maior cirurgião da época, o doutor Harvey, para demonstrar o seu feito, a experiência não deu certo, talvez porque o paciente havia ingerido álcool, ou a dose do gás fora insuficiente. Wells caiu no descrédito e acabou por suicidar-se. Um colega continuou as experiências e acabou demonstrando a ação do gás hilariante.

Lister foi também um grande pesquisador da medicina! Foi o descobridor da assepsia! A assepsia foi também responsável pelo grande desenvolvimento da medicina.

Além dos cientistas, alguns fatos colaboraram para o desenvolvimento da medicina. Podemos citar que a gripe espanhola matou nos anos 1918 e 1919, vinte e cinco milhões de pessoas na Europa. O mundo não podia ficar observando esse tipo de catástrofe sem fazer nada. A pesquisa para novos medicamentos tornou-se imperiosa!

Os arsenobenzóis e depois os sais de bismuto começaram a combater a sífilis, doença que dizimava civis e militares, antes e depois da Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918.

A penicilina foi descoberta por Alexander Fleming em 1928 no Hospital St. Mary em Londres, Inglaterra. Foi muito curiosa a descoberta da penicilina. Em agosto daquele ano, Fleming saiu de férias e deixou algumas placas de cultura de bactérias em cima da mesa do laboratório, ao invés de guardá-las na geladeira como sempre fazia. Ao retornar das férias viu que em uma das placas havia se formado uma colônia de fungos na placa e que em volta da colônia de fungos não havia bactérias. Os fungos haviam matado as bactérias. Estava em início o grande avanço da medicina: a descoberta dos antibióticos! Apesar disso, a penicilina somente foi isolada em 1940 e produzida industrialmente em 1941, quando outros três cientistas passaram a trabalhar com ela, em plena Segunda Guerra Mundial. Foram eles: Howard Florey, Ernst Chaim e Norman Heatley. Foi experimentada em ratos em 1940 e em humanos em 1941. A penicilina foi de grande valia na Segunda Guerra. Foi a poderosa arma dos aliados.

A Segunda Guerra Mundial foi grande incentivadora na descoberta de novos produtos de guerra e de medicamentos.

A medicina brasileira

A medicina brasileira, hoje, está avançada e pode ser comparada às melhores medicinas do mundo. Não foi assim, entretanto, nos fins do século XIX e começo do século XX.

O Brasil sempre andou atrás dos países adiantados da Europa e da América do Norte, principalmente dos Estados Unidos. A nossa medicina começou a avançar depois que os grandes laboratórios europeus e americanos começaram a entrar no Brasil.

Nos fins do século XIX e começo do século XX, a nossa medicina era muito rudimentar e se baseava muito mais nas crenças do que no próprio remédio. Podemos dizer que ainda vivíamos na Idade Média dos remédios. Para piorar a situação, os remédios tinham quase cem por cento de propaganda e quase zero por cento de efeito curativo. Foi nessa época que as propagandas mentirosas dominaram o país. Os remédios eram feitos em pequenos laboratórios que não mereciam confiança.

Os remédios viviam mais de manipulação do que de fabricação direta do produto. Cascas, folhas e raízes de árvores eram a matéria prima mais usada pelos pequenos laboratórios do país, sem, entretanto se basearem em um fundo científico. Os grandes laboratórios europeus e americanos ainda não tinham entrado no Brasil, porque praticamente tudo o que produziam era consumido por lá. Algumas das descobertas estrangeiras eram passadas apenas para os médicos das grandes cidades brasileiras.

O Brasil, como colônia, sempre viveu como país pobre e atrasado. Começou a melhorar com a vinda de Dom João VI, em 1808, quando, com medo da perseguição de Napoleão Bonaparte, fugiu para o Brasil. Quando ele chegou ao Rio de Janeiro, a cidade era uma cidadezinha de ruas estreitas, sem calçamento, empoeirada e de casas muito próximas. Não havia água encanada e nem privadas dentro de casa. A urina coletada em urinóis durante a noite era jogada nas ruas pela janela. Era um perigo andar de madrugada nas ruas do Rio de Janeiro, nessa época. Você poderia tomar um banho de urina atirado de uma janela. A gripe espanhola matou milhares de brasileiros nessa época. A pneumonia, a tuberculose, a difteria e o tifo matavam milhares de brasileiros todos os anos. Não havia remédios para todos, e os que existiam, não curavam.

Os grandes laboratórios não haviam chegado ao Brasil. A promiscuidade, a aglomeração das pessoas e a má alimentação, aumentavam as doenças. Como disse anteriormente, os remédios nacionais eram fabricados por pequenos laboratórios que não tinham nenhuma responsabilidade com a saúde do povo. A propaganda que imperava era mentirosa. Os laboratórios tinham em suas propagandas, quase 100% de mentira rotuladas nos frascos e quase 0% de verdade, em relação aos efeitos. As propagandas de produtos cosméticos chegavam a ser engraçadas e ridículas. Elas diziam que os produtos curavam tudo. Vamos citar algumas propagandas da época.

“Óleo de São Jacob” Trazia o santo com um frasco do produto, na mão e em baixo dizia: “Grande remédio alemão para curar com prontidão reumatismo, nevralgia, gota, ciática e dor nas costas, queimaduras, inchações, dores de garganta, de cabeça, dos ouvidos, deslocações, contusões e todas as dores em pontadas”.

A propaganda não ficava, entretanto, apenas na prosa, ela era feita também com poesia. Havia um produto chamado Linda Cútis, também chamado Tesouro da Beleza, da Casa Granado do Rio de Janeiro, que dizia:

“Moça bonita que a beleza estima
E minha prima que a beleza aspira,
Para amaciar e conservar a cútis,
Por Linda Cútis cada qual suspira”.

O produto não era indicado apenas para as mulheres, mas também para os homens:

“Barbeiro fino que fregueses quer
E homem qualquer a quem navalha cale,
Se bem conhecem quanto vale a cútis

É Linda Cútis sempre o que lhes vale”.

As ilustrações também foram muito usadas. Todos se lembram, principalmente os mais velhos, do filme “E o vento Levou”, filme famoso com Clark Gable, Vivia Leigh e Olívia de Reveland. Os rostos deles foram frequentemente mostrados nos rótulos de produtos de embelezamento e de possíveis fortificantes. Outros artistas apareceram nos rótulos de produtos de beleza e de medicamentos.

A ilustração de um sujeito carregando um bacalhau inteiro, nas costas, representava o remédio: “Óleo de fígado de bacalhau”, Não menos importantes eram o Biotônico Fontoura e a Pomada Minâncora, que ainda existem e têm mais de 150 anos!

Felizmente hoje temos grandes laboratórios nacionais e estrangeiros que estão fabricando medicamentos de excelente qualidade! A grande diferença de qualidade que existia, desapareceu. Podemos afirmar que as grandes escolas de medicina do Brasil seguem de perto as grandes escolas americanas e européias.

Bibliografia

- 1) A ciência através dos tempos - AtticoChassot – Madana**
- 2) Uma breve história do tempo - Sthefen Hawking**
- 3) História da Medicina – Petrucelli**
- 4) A Assustadora História da Medicina - Richard Gordon**
- 5) Mesmer - A ciência negada e os textos escondidos.**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ACADÊMICA POESIA

1º Lugar Poesia - ACADÊMICA - NAS CURVAS DO TEMPO - Ac. Marcia Etelli Coelho

2º Lugar Poesia - ACADÊMICA - VEM COMIGO SAUDADE... - Ac. Nelson Jacintho

3º Lugar Poesia - ACADÊMICA - DE ROLLS ROYCE DOURADO - Ac. Em. Pedro D. Franco

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ACADEMICA POESIA

1º Lugar ACADÊMICA - POESIA - NAS CURVAS DO TEMPO - Ac. Marcia Etelli Coelho

NAS CURVAS DO TEMPO

Ac. Marcia Etelli Coelho.

A porta do tempo entreabriu nova vida
e mesmo com medo aceitei transpassar.
O sopro do vento me disse: "Bem-vinda"!
Que tenhas o dom de sorrir e sonhar.

Nas cordas do tempo aprendi diretrizes,
curei cicatrizes, refiz os meus planos.
Murmúrio do vento, momentos felizes,
amores incríveis, alguns levianos.

Nas dobras do tempo, desvio da trilha.
Pensei ser mais fácil atalhos sem dor.
Silêncio do vento... Fiquei tão sozinha.
Será que é possível viver sem rancor?

A borda do tempo mostrou que o dilema
apenas foi lances perdidos do olhar.
No embalo do vento escrevi um poema,
sorri pra mim mesma, voltei a sonhar.

Sonhei com o tempo em que eu era princesa,
brincando de fada em antigos quintais.
Sentia no vento a magia e a beleza
do abraço e aconchego dos meus ancestrais.

O tempo, por fim, completou uma volta,
marcando minha alma com fatos tão bons.
O vento, gentil, entreabriu nova porta:
Sorrisos e sonhos... Talvez, outros dons.

XX

VEM COMIGO SAUDADE...

Ac. Nelson Jacintho

Vem comigo saudade... Dê-me sua mão...
Você, que há muito mora dentro do meu coração...
Veio me visitar e não quis mais voltar...
para o seu antigo lugar...
Eu quis fechar a porta e deixar você de fora,
mas perdi a hora...Você quis ficar...
Vamos passear... Vamos voltar ao tempo de criança!
Saudade gosta de criança!
Vamos acender a fogueira das festas juninas,
um beijo roubar das distraídas meninas
que sonham com os vaga-lumes da noite
que se perdem na escuridão...
Vamos levantar os mastros de Santo Antônio,
São Pedro, São João!
Vamos rezar o terço ao lado da vovó carola.
Vamos esvaziar o balaio de pipocas,
pisar no braseiro da fogueira, ouvir as fofocas...
Vamos soltar os busca-pés entre as pernas
das velhas incautas e das mocinhas fogueteiras...
Vamos mandar correios elegantes
para as meninas faceiras e bonitas, com laços de fitas...
Vamos ver seu coração inocente
pular debaixo da blusa como serpente...
Vamos ver seus olhos se arregalarem ao
verem o nosso pedido do primeiro beijo.
Vamos ouvir seu gritinho de fúria fingida,
ao mostrar para a mãe o nosso desejo...
Vamos lhe presentear o grande momento
por intermédio do nosso pueril atrevimento...
Vamos correr com a molecada,
jogar pião pela calçada, mudar o choro miúdo
em gargalhada, nos inebriar de amor e de poesia,
Tirar de dentro de nós a fantasia!
Vamos deixar o pranto, achar o riso!
Transformar a vida em paraíso!
Deixar explodir a vida contida em nosso peito,
porque na vida para tudo se dá jeito,
Principalmente se no peito há esperança
E nunca você deixar de ser uma criança...
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

DE ROLLS ROYCE DOURADO
Ac. Em. Pedro D. Franco

Muito lindos
em sua vida
três acontecimentos,
Letícia, a flor, seu amor.
Flor, rara e a mais bela.
Descobriu-a por acaso.
Fotografou-a, estudou-a,
enamorado-se.
Estava quase aberta.
Quando estivesse completa,
vista por Letícia e na presença
do amor, seu, eterno e único,
o milagre Letícia aconteceria.
Diária visita
e a flor abriu-se de todo.
Linda de dar taquicardia.
Era só trazê-la
a ver a flor.
Letícia e sua alegria
Viriam.
Foi buscá-la com seu amor,
Cavalgando a esperança.
Letícia viajaria em Rolls-Royce
Dourado.
Estava carregando
suas muitas malas
e riu-lhe na cara.
Em desespero,
foi consolar-se com a flor.
Morrera
e havia pétalas, lágrimas,
na relva úmida.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL POESIA

1ª Lugar Poesia - ESPECIAL - PULSAÇÃO - Celi Luz

2º Lugar Poesia - ESPECIAL - NO RELÓGIO QUE PAROU - Luiz Gilberto de Barros/ Luiz Poeta

3º Lugar Poesia - ESPECIAL - APORTES - Marcos Gimenes Salun

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL POESIA

1ª Lugar ESPECIAL - POESIA - PULSAÇÃO - Celi Luz

PULSAÇÃO

Celi Luz

Ainda é muito cedo
encontro a lagoa quieta
mas não adormecida
ela pulsa no sempre.
No respaldo da cadeira
os braços jogados
a música da manhã
que parece adormecida,
de repente, sirenes abusivas
caminhões roncadores
escavações, apitos
que parecem agressivos.

No silêncio de mim
guardei suaves cantos
conversas improváveis
inusitado jardim.

Claros se descortinam
cheios de ousadia
crua varanda se debruça
nenhum cão habita
nenhuma criança pula
nenhuma flor se abre;
mas, ainda é muito cedo
a orquídea forma botão.
Há sempre uma algazarra
e, um pedido de cão
a povoar uma saudade,
porque ainda é cedo, não, tarde.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2º Lugar ESPECIAL - POESIA - NO RELÓGIO QUE PAROU - Luiz Gilberto de Barros/ Luiz Poeta

NO RELÓGIO QUE PAROU

Luiz Poeta

**Um close no passado e nos ponteiros
Do tempo... e a saudade se insinua
Serena, afagando a pele nua
Dos sonhos e desejos... derradeiros.**

**O amor tem esse dom e evocar
Ausências, dando tênues movimentos
Às formas que abençoam sentimentos
Contidos na emoção de cada olhar.**

**No flash de abandonos sedutores
O sonho se distrai com vãos amores
Que dormem no relógio que parou**

**Porém é na essência da saudade
Que o coração desperta essa vontade
De amar o que o destino não deixou.**

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

3º Lugar ESPECIAL - POESIA - APORTES - Marcos Gimenes Salun

APORTES

Marcos Gimenes Salun

Minha fuga é nesses andaimes cibernéticos,
Alicerces na beira-mar
Efêmeros sustentáculos que as ondas beijam
Incertamente,
De quando em sempre,
Quase ao acaso.
Néscio que sou dos meus versos
Não achei lugar melhor para aportar.
Aqui deposito minhas palavras,
Arroubos de mim e do mundo,
Clarividências, assombros,
Tudo.
Fiquei nesse vai e vem que se arrasta
E carrega, cavouca sem pressa
O meu túmulo,
Coisa pra se resolver com o mar
Com a onda, com o vagar que sou.
Meu porto é aqui, nesses andaimes
Ancorado à beira de mim, num todo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ACADÊMICA TROVA

1º Lugar Acadêmica - TROVA - Ac. Em. **Abílio Kac**

2º Lugar Acadêmica - TROVA - **Luiz Gondim de A. Lins**

3º Lugar Acadêmica - TROVA - **Meu olhar - Nelson Jacintho**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

1º Lugar Acadêmica - TROVA - Ac. Em. **Abílio Kac**

**Mentiras são falsidades
que provocam nossas iras...
Valem amargas verdades
do que as mais doces mentiras.**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2º Lugar Acadêmica - TROVA - **Luiz Gondim de A. Lins**

**Ético, bem transparente
nas belas artes do amor;
entre mulheres se sente
escravo e dominador.**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

3º Lugar Acadêmica - TROVA - Nelson Jacintho

Meu olhar

**Meu olhar caiu no teu
Como a âncora no mar.
Se sou nobre ou sou plebeu,
Não importa, vou te amar.**

XXXXXXXXXXXX

CATEGORIA ESPECIAL TROVA

1º Lugar Especial - TROVA - Mario Moreyra

2º Lugar Especial - TROVA - Luiz Alberto de Barros / Luiz Poeta

3º Lugar Especial - TROVA - Marilza Teresinha Nogueira de Abreu Fialho

1º Lugar Especial - TROVA - Mario Moreyra

Pergunto sempre com gosto,
se vejo mulher formosa:
Por quê vou beijar no rosto,
se a boca é mais gostosa?

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2º Lugar Especial - TROVA - Luiz Gilberto de Barros / Luiz Poeta

Foi só o ovo quebrar,
e o galo teve um desmaio,
Vendo o pintinho contar
Piadas de papagaio !

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

3º Lugar Especial - TROVA - Marilza Teresinha Nogueira de Abreu Fialho

As flores do meu jardim,
São belas e olorosas,
Dão recados para mim
Deixando as mãos perfumosas

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
FIM